

## O SURFE ENQUANTO ESPAÇO PARA A DISCUSSÃO DE GÊNERO

**Liana Lima Rocha**

,lianaedf@gmail.com

**Emmanuelle Cynthia da Silva Ferreira**

emmanuellecys@gmail.com

**Cyntia Emanuelle Souza Lima**

cyntiaeslima@gmail.com

**Naiara Pinto Mesquita**

npmesquita@yahoo.com.br

**Léo Barbosa Nepomuceno**

leobnepomuceno@hotmail.com

**Luciana Venâncio**

luciana\_venancio@yahoo.com.br

**Universidade Federal do Ceará (UFC)**

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o surfe enquanto um campo favorável para a discussão de gênero. A metodologia é qualitativa orientada pela abordagem etnográfica, os instrumentos de pesquisa foram observação e entrevistas. O lócus foi um projeto social de surfe e os colaboradores foram os jovens participantes desse projeto. Através desse trabalho visualizamos ações concretas para o surfe como um campo favorável para a discussão de gênero.

### PALAVRAS-CHAVE

surfe; gênero

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade que embora situada no século XXI ainda encontramos alarmantes indícios que nos dão a noção exata de que o preconceito e a discriminação são principais barreiras contra a consolidação de uma sociedade coletiva, justa e verdadeiramente democrática eque lutada pela superação das mais diversas hierarquizações sociais que configuram os vários mecanismos de opressões.



São diversos contextos sociais que nos deparamos com essas problemáticas enfrentadas pelas mulheres e também pelo o grupo LGBTI+. O foco dessa discussão em nosso trabalho está situado no universo das práticas corporais (esportes), que apesar de atualmente ser apresentado como um lugar para homens e mulheres, independentemente da modalidade, ainda é pautado pelas relações de gênero desiguais e impresso de preconceitos, sendo, portanto, responsável por grande parte das posturas opressoras a esses grupos sociais (CORSINO e AUD, 2014).

Porém de forma específica delimitamos o enfoque deste trabalho no contexto do surfe, pois esse diálogo surge a partir de uma pesquisa de mestrado realizada sobre essa manifestação corporal, por uma das autoras desse trabalho. A pesquisa estudou o surfe como uma prática corporal educativa identificando elementos para a formação humana e cidadã e a inclusão socioeducativa dos jovens participantes de um projeto social de surfe na cidade de Fortaleza. A dissertação citada foi desenvolvida no programa de pós-graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará.

Um dos objetivos específicos desse estudo de mestrado foi identificar os saberes de cunho mais social que o processo de ensino e aprendizagem do surfe poderia possibilitar frente aos aprendizes. O saber a qual se fez referência neste estudo é aquele que problematiza as questões sociais, necessário à formação de uma sociedade mais justa, harmônica e inclusiva (ROCHA, 2017).

Assim um dos temas analisados nessa parte da dissertação foi “surfe e diversidade”, em que se dialogou sobre surfe feminino, preconceito e desvalorização das mulheres e homossexualidade no surfe. Com base nos achados dessa pesquisa o objetivo central desse presente trabalho é apresentar o surfe enquanto um campo favorável para a discussão de gênero, a fim de combatermos os processos de discriminação e opressão existentes nesse contexto.

Para o alcance desse objetivo, os específicos são: a) apresentar como essas temáticas são retratadas nesse projeto social de surfe; b) vislumbrar através desse contexto possíveis caminhos para pensarmos o surfe enquanto um espaço favorável para a discussão de gênero.

## NA CRISTA DO GÊNERO

Os estudos de gênero penetram a sociedade com a prerrogativa de desassociar a compreensão geral de sexualidade dos corpos ligado diretamente ao ser feminino ou ser masculino, inseparável dos aspectos fisiológicos e anatômicos. Surgido a partir de movimentos feministas que utilizavam a palavra “gênero” de acordo com os relacionamentos entre indivíduos baseadas no sexo, permeavam três visões preocupadas com a nomenclatura e com seus objetivos a serem alcançados, mas que destinam a presença e relevância histórica da mulher na sociedade patriarcal (SCOTT, 1995).

Mas o quê é “gênero”? As diversas significações fazem parte da história de um povo que elabora, de acordo, com um determinado tempo cronológico de variadas áreas que representam o que vem a ser o termo: “gênero”. Contudo, a terminologia estudada no presente estudo conforme Butler (1990) é uma consequência cultural da sociedade e o sexo é uma propensão inata do ser, ambos se diferenciam.

Os estudos de gênero alicerçam o movimento feminista em prol da luta feminina em ser representada nessa sociedade historicamente dominada por relações de poder evidenciadas por homens. O fruto dessa luta: o empoderamento da mulher e de quem se sentir como tal solidifica a teoria, pois como Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo* (1949), de forma crítica reflete o que é ser mulher? Nasce uma das frases mais conhecidas do movimento feminista: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

## PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo de abordagem qualitativa de orientação etnográfica usou como instrumentos de pesquisa a observação participante, anotações de campo descritivas e entrevistas que foram importantes para compreender o lócus estudado e compreender os significados ali manifestados. O cenário da pesquisa foi



um projeto social de surfe, localizado na cidade de Fortaleza, no Ceará, uma organização sem fins lucrativos, projetada para prover oportunidades de educação para a juventude através do surfe.

Os colaboradores da pesquisa foram 4 jovens participantes do projeto há quatro anos, com idade entre 13 e 15 anos, três garotos e uma garota, que concederam entrevistas fundamentais para a compreensão e a visualização de possibilidades. Todos os cuidados éticos foram assegurados desde documentos de autorização da pesquisa (uso de imagem, projeto político pedagógico e permissão para observar as atividades do projeto) assinados pela coordenação da instituição pesquisada, até os termos de autorizações dos responsáveis pelos jovens que participaram das entrevistas.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

Baseado nos achados da pesquisa de campo através das observações em nenhum momento foi constatado aulas ou projetos trabalhando com essas questões, o que nos remete ao fato de que as questões de gênero no surfe não são debatidas nesse espaço, aparecendo de forma espontânea, por ações eventuais não tendo um planejamento específico que dialogue com esses temas.

Com base na fala dos (as) quatro jovens, apenas um afirmou que o tema, “surfe feminino, preconceito e desvalorização das mulheres”, é dialogado nas aulas. O único jovem que fez a afirmação de que a questão das mulheres no surfe é discutida nas aulas, tem como base o cotidiano deles quando o professor encoraja as meninas do projeto a surfar, ideia essa identificada na seguinte fala: “Sim! O professor fala com as meninas que sonham em se desenvolver no surfe pra seguir em frente... Ele vai conversando nas aulas, assim” (Portão, 15 anos).

Já o tema, homossexualidade no surfe, de acordo com a fala dos jovens nunca foi debatido. Um fato inquietante que ocorreu durante as entrevistas, é que foi possível perceber a existência de certo receio, tensão em falar sobre essa temática por parte dos jovens entrevistados, observado tanto pelas respostas curtas e firmes ao dizer que não, como constatado também pelo olhar distante, passando a ideia de ser realmente um assunto delicado.

Esses dados nos revelam como esses temas são excluídos e negligenciados nesses espaços considerados educativos, como no caso em específico esse projeto social de surfe cuja esta pesquisa foi desenvolvida, sendo, portanto um reflexo do que tem ocorrido no cenário do surfe em seu contexto geral.

Os dilemas sofridos pelas mulheres no surfe e a existência de praticantes LGBTI+ nessa manifestação corporal, são temas encobertos, silenciados, pouco dialogados, encontramos assim no contexto do surfe um ambiente marcado pela existência de práticas intolerantes com as mulheres e os LGBTI+.

Com relação ao preconceito vivenciado pelas mulheres nesse universo do surfe Bandeira e Rúbio (2011) destacam a existência de apelidos taxativos, ofensivos ou por quando, na maioria das vezes que o surfe feminino é retratado na mídia, se enfatiza mais a estética/exibição dos seus corpos, posando como modelos em closes que privilegiavam, quase sempre, suas partes no biquíni, as retratando como corpos sexualizados, ou pedaços de corpos, rara são as matérias que retratam a estética de suas manobras e seus feitos no mar.

Entretanto, estas sensações são tidas como possibilidades de corpos corajosos e ágeis, ‘a priori’, entendidos como corpos masculinos. O surfe como campo em que o feminino é visto ainda como exceção dá a pensar que os esportes na natureza, a educação ao ar livre ou o turismo de aventura, embora tenham potencial de promover novas condutas políticas e a virtuosa sensibilidade ambiental, não estão livres de reproduzir outros padrões de dominação. (BANDEIRA e RÚBIO, 2011, p. 106).

No tocante dessa questão do preconceito no surfe, destacamos também as práticas de discriminações enfrentadas pelo público LGBTI+, marcando profundamente o universo do surfe enquanto um espaço de discriminações, distante da ideia de harmonia e confraternização que é partilhado socialmente, como constata Caparica (2013, p. 1):



Associações imediatas a surfe: prancha, parafina, bronzado, calor que provoca arrepio... a lista pode seguir por um bom tempo, mas dificilmente 'gay', 'homossexual' ou 'lésbica' vai aparecer cedo nela. Isso porque, apesar de ser um esporte pretensamente zen, calcado no companheirismo e no amor ao oceano, o surfe também é um dos ambientes mais intolerantes com os homossexuais.

Portanto, diante dessa realidade marcada por posturas discriminatórias é que fomentamos um trabalho que lança um olhar sobre o surfe como um espaço para travarmos ações de resistências, promovendo um movimento contrário a essas discriminações, trazendo à tona assuntos extremamente pertinentes e fundamentais na consolidação de uma sociedade mais justa e inclusiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nesse sentido o surfe como uma ferramenta de transformações sociais e de compreensões das questões de gênero também, buscando galgar ações de resistência no combate a esse cenário de intolerância, machismo e discriminações que tornam o surfe um universo de contradições e de um poderio patriarcal, como outras manifestações enraizadas na cultura.

Pensamos esses projetos sociais de surfe como um campo favorável para a discussão de gênero, através de ações voltadas para asmulheres e representantes LGBTI+ do surfe, como palestras temáticas em que aproximassem profissionais para partilharem experiências; criação de projetos de inclusão desse público nessa prática corporal; implantação de eventos culturais, momentos de diálogos e conscientização que incentivem e empoderem essas discussões.

## SURFING AS A SPACE FOR GENDER DISCUSSION

### ABSTRACT

This paper aims to present a favorable field for a discussion of gender. The methodology is qualitative guided by the ethnographic approach, the research instruments were observation and interviews. The locus was a social project of people who stood out in the children of the project. On the work, see the concrete actions for the exercise as a favorable field for a gender discussion.

**KEYWORDS:** *surfing; genre.*

## EL SURFE ENTRE EL ESPACIO PARA LA DISCUSIÓN DE GÉNERO

### RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar el surf como un campo favorable para la discusión de género. La metodología es cualitativa orientada por el enfoque etnográfico, los instrumentos de la investigación fueron observación y entrevistas. El locus fue un proyecto social de surf y los colaboradores fueron los jóvenes participantes en ese proyecto. A través de ese trabajo visualizamos acciones concretas para el surf como un campo favorable para la discusión de género.

**PALABRAS CLAVES:** *surf; género.*



## REFERÊNCIAS

- ARIAS, M. e ANDREATTA, R. *Surf Gênese - A história da evolução do surf*. São Paulo: Editora Cosmmos do Brasil, 2003.
- BANDEIRA, M. M; RUBIO, K. "Do outside": corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, v. 25, n. 1, p. 97-110, 2011.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. São Paulo: Ed. Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BUTLER, J. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo*. Cadernos Pagu, n. 11, p. 11-42, 1998. Tradução de Pedro Maia Soares para versão do artigo "Contingent Foundations: Feminism and the Question of Postmodernism", no Greater Philadelphia Philosophy Consortium, 1990.
- CAPARICA, M. *Ser gay e ser surfista são duas paixões sem volta*. Disponível em: <https://www.ladobi.com.br/2013/11/gay-surfista-paixoes-sem-volta/>. Acesso em: 20 fev. 2016.
- CORSINO, L. N.; AUAD, D. *Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais*. Educação: teoria e prática, v. 24, n. 45, p. 57-75, 2014.
- ROCHA, L. L. *Surfando para a vida um estudo sobre o papel do surfe como prática pedagógica libertadora* 246f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, em Educação Brasileira, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, campus de Fortaleza, 2017.
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Gênero e as Políticas da História. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York, Columbia University Press. 1989.

